



UNIVERSIDADE FERDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCAS GABRIEL DE SOUZA GAMA

**O ABIÚDO E HISTÓRIA PÚBLICA: NOVOS PARADÍGIMAS DE PRODUÇÃO E
DIVULGAÇÃO HISTÓRICA**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2025

LUCAS GABRIEL DE SOUZA GAMA

O ABIÚDO E HISTÓRIA PÚBLICA: NOVOS PARADÍGMAS DE PRODUÇÃO E
DIVULGAÇÃO HISTÓRICA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Licenciatura Plena em História da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Zaluski

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2025

Aos meus ancestrais que por circunstâncias da História não puderam realizar seus anseios, foram eles que me transmitiram o Axé e me deram forças para continuar resistindo.

Aos meus pais que acreditaram e apostaram em mim, me oferecendo uma educação de qualidade e me dando todo suporte necessário, A minha avó, a qual amo e sinto a presença e proteção sempre. Te amo voinha!

Aos meus amigos que nesta trajetória caminharam comigo superando todos os obstáculos e desafios. Ao meu amor, meu cúmplice e incentivador.

Expresso minha saudade e também dedico este trabalho ao meu amigo Hermesson, que foi chamado para brilhar no céu. Minha gratidão por ter sido razão para continuar acreditando que é possível realizar nossos sonhos e seguirmos em frente. Saudade eterna!

RESUMO

A presente pesquisa intitulada *O Abiúdo e História Pública: novos paradigmas de produção e divulgação histórica*, tem como objetivo fazer uma análise do uso da rede social *Instagram* e seu papel colaborativo no exercício de produção e divulgação do conhecimento histórico e reavalia o papel catedrático ocupado pelos centros universitários em seu esforço na produção e divulgação historiográfica. Este trabalho está no campo de estudos da História Pública e História Pública Digital e utiliza como metodologia de pesquisa o uso da netnografia para chegar nos resultados obtidos. O referido trabalho conclui que é possível utilizar das ferramentas digitais como meio de produção e divulgação do conhecimento histórico com o intuito de angariar novos públicos para além do ambiente stricto sensu, oferecendo novos meios de aprender e discutir história.

Palavras-chave: História Pública. História Pública Digital. Mídias Sociais.

LISTA DE SIGLAS

USP: Universidade de São Paulo

UFF: Universidade Federal Fluminense

Unifesp: Universidade Federal de São Paulo

RBHP: Rede Brasileira de História Pública

TIC: Tecnologia da Informação e Comunicação

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

UFS: Universidade Federal de Sergipe

CEAS: Centro de Excelência Atheneu Sergipense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
HISTÓRIA PÚBLICA: UM CAMPO CHEIO DE POSSIBILIDADES, SUA ORIGEM E SIGNIFICADOS.....	9
A HISTÓRIA, O HISTORIADOR E SEU OFÍCIO	12
HISTÓRIA E OS AVANÇOS DAS TECNOLOGIAS	13
INSTAGRAM.....	16
O ABIÚDO: UM CANAL DE HISTÓRIA SERGIPANA.....	18
BORA ABIUDAR?	18
A SÉRIE “BAIRROS DE AJU”	21
“AH, ENTÃO É POR ISSO QUE SE CHAMA AMÉRICA?”	24
CONSIDERAÇÕES	29
ANEXOS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “*O Abiúdo e História Pública: novos paradigmas de produção e divulgação histórica*” versa sobre as possibilidades do uso das plataformas digitais para a construção do conhecimento histórico, a partir da análise do perfil de *Instagram* “O Abiúdo”, com o objetivo de destacar as suas contribuições para o campo da História Pública e História Pública Digital. A referida pesquisa faz uma análise de como a história pode ser trabalhada fazendo o uso de novas possibilidades narrativas para além do campo *stricto sensu*, extrapolando os muros das universidades, chegando ao grande público. Além disso, reflete também sobre a atuação dos historiadores em meio aos avanços da tecnologia e das mídias digitais.

Em um primeiro momento, o texto discute o campo teórico-metodológico da História Pública, do seu surgimento e desenvolvimento, especialmente nos Estados Unidos e a sua relação próxima do campo audiovisual e a busca por conceituar esta área da história e historiografia. Em seguida, foi refletido acerca do ofício dos historiadores e historiadoras em meio aos avanços tecnológicos e das mídias digitais no final do século passado com o advento da *internet* até os dias atuais.

Além disso, a referida pesquisa junta-se as discussões da relação entre História e *Internet* e ao campo da História Pública Digital que amplia as possibilidades de atuação dos historiadores e historiadoras. Desse modo, estes pesquisadores amplificam não apenas o seu método de pesquisa, como também as formas como o conhecimento científico e historiográfico pode chegar ao público fora do ambiente acadêmico e expandir suas audiências. Neste caminho, buscou-se fazer uma análise do papel do *Instagram* no processo de construção do conhecimento histórico e das novas maneiras de divulgá-lo.

Ademais, foi elaborada uma discussão acerca do objeto específico desta pesquisa, que o perfil de *Instagram* “O Abiúdo” que desde 2022 atua na promoção da divulgação do conhecimento histórico acerca do estado de Sergipe, promovendo conteúdos que versam sobre cultura, história, raça, personalidades históricas, dentre outras temáticas. Foi trabalhado nesta pesquisa o vídeo intitulado: “*Da Penitenciária Modelo ao surgimento do Bairro América*” no qual é empreendida uma análise acerca da formação de um dos bairros da cidade de Aracaju, o qual se originou a partir da presença de uma prisão, ocasionando assim, uma série de significados que habitam o imaginário da população da cidade e que são discutidos ao longo do texto.

A relevância desta pesquisa está no fato de que nos últimos anos, as mídias e as redes sociais tem alcançado um número muito grande de usuários e isso tem atingido as formas de ensinar e aprender, fazendo com que professores e outros intelectuais recorram a novos métodos de produção e divulgação de conhecimento científico, incluindo historiadores. O advento de perfis do *Instagram* que versam sobre história tem aparecido com mais frequência, essa é a maneira pela qual, professores e historiadores têm recorrido a novos meios de divulgação de suas produções.

Com isso, este trabalho dialoga com grandes nomes da História Pública no Brasil, como por exemplo Sara Albieri (2011) e Anita Lucchesi (2014) e também Jörn Rüsen (2010), o qual colabora para o pensamento da construção de conhecimento histórico. O objetivo desta pesquisa é responder a seguinte questão: *Porque não tornar o processo de divulgar, entender e aprender história de forma mais didática?* Para isso, usou-se o campo teórico da História Pública e História Pública Digital e a netnografia como metodologia para desenvolver e chegar as conclusões desta pesquisa.

HISTÓRIA PÚBLICA: UM CAMPO CHEIO DE POSSIBILIDADES, SUA ORIGEM E SIGNIFICADOS

Consoante Jill Liddignton, a compreensão do conceito de História Pública é ampla, pode ser entendido como a metodologia da história que se encarrega de, entre os seus esforços, por meio de distintas linguagens narrar o passado junto do comprometimento científico, da construção do conhecimento compartilhado e colaborativo e de sua ampliação de audiências, aproximando os laços entre o conhecimento histórico produzido academicamente e o público que se expande para além do ambiente acadêmico. Ou seja, trata-se do processo no qual a produção científica historiográfica é produzida e transmitida pela e para a sociedade que nem sempre se encontra nos espaços de ensino superior. Assim, a História Pública abre o leque de possibilidades de pesquisa, divulgação e publicação dos saberes e fazeres historiográficos (Liddignton, 2011).

Assim sendo, a História Pública assume como responsabilidade tornar a história um campo acessível e disponível ao grande público. O campo de estudo da História Pública foi desenvolvido em distintos países do qual continuam os debates e aprimoramento teórico, metodológico e os campos de atuação, dentre eles Estados Unidos, Inglaterra e Itália. Em cada local carregando as suas especificidades. No caso dos Estados Unidos a História Pública ainda é motivo de discussões frente as contribuições vindas do campo historiográfico. Uma vertente historiográfica afirma que ela começou a ser discutida em meados da década de 1970 entre pessoas recém formadas em História, especialmente da *University of California* que estavam preocupadas com o mercado de trabalho e sua atuação para além do exercício em sala de aula. Assim, inicialmente a proposta deste novo campo havia surgido a parti do incomodo para “o emprego de historiadores e do método histórico fora da academia” (Kelley, 1978, p. 16-28). Mas, assim como tudo que é novo, a História Pública não estaria fora dos olhares críticos que a viam como um desdobramento do corporativismo, especificamente nos Estados Unidos. Já Bruno Flávio Lontra Fagundes, ao afirmar que a historiadora “Rebecca Conard foi uma das pioneiras do movimento da História Pública nos Estados Unidos” (Fagundes, 2024, p. 194) nos adverte sobre as contribuições da autora para desconstruir o entendimento da História Pública como artifício para a empregabilidade. Segundo Fagundes,

Ao contrário do que se crê na historiografia sobre a História Pública norte-americana, a autora discorre sobre como historiadores foram aderindo, programaticamente, a programas de formação em História que foram sendo criados com o passar do século XX enquanto ganhavam amplitude popular e públicos para além da universidade, devido a parcerias entre universidades e órgãos governamentais (Fagundes, 2024, p. 194).

A efeito da ampliação das audiências junto da expansão de seus públicos e das formas de divulgação histórica, a História Pública nos Estados Unidos, por exemplo, possui uma proximidade com atividades do setor audiovisual. Esse desdobramento tinha o objetivo de ampliar a atuação do historiador, quando canais de TV passaram a propor programas que carregavam em sua programação conteúdos históricos. Apesar de ser um meio de divulgação, a relação entre o audiovisual e a História Pública possui uma via de mão dupla, pois exige do historiador a necessidade de adaptar as abordagens de narração histórica para que seja apresentada ao público um conteúdo de fácil compreensão e exige do meio audiovisual a disponibilidade de recursos que torne possível essa relação.

Entretanto, vale ressaltar que a colaboração do campo audiovisual com a história não se dá de maneira simples. Essa relação exige que os historiadores mantenham a precisão e rigor para garantir fidelidade aos fatos e ao contexto histórico junto da narrativa empregada. Cabe ao historiador utilizar as técnicas do audiovisual com a finalidade de fazer uma abordagem crítica baseada em evidências que ponham em xeque as narrativas simplistas e muitas vezes distorcidas que as produções audiovisuais de conteúdo histórico podem trazer (Santhiago, 2016).

Apesar das críticas, o campo conhecido como História Pública já estava dado, bastava agora aproveitar-se dele enquanto uma nova possibilidade de reflexão, compreensão e divulgação da história e do conhecimento histórico. Se espalhando pelo mundo, a História Pública, levou a historiadores de distintos países como também Itália e Austrália, por exemplo, a refletirem sobre mudanças nos campos teóricos, historiográficos e as formas de narrar e divulgar a história. No caso Brasileiro, no início da década de 2010 e passou a ganhar destaque com a criação do curso de Introdução a História Pública oferecido pela Universidade de São Paulo (USP) em 2011, coordenado pela professora Sara Albieri. No país, o campo ganhou destaque com os historiadores como Ana Maria Mauad (UFF), Juniele Rabêlo (UFF) e Ricardo Santhiago (Unifesp). Estes pesquisadores, em 2016 fundaram a Rede Brasileira de História Pública (RBHP) a qual desde lá vem atuando na contribuição para o entendimento e o uso da História Pública. Tendo ainda muitos congressos, simpósios, cursos e publicações na área. Como destaca em entrevista a professora Juniele Rabêlo, do qual, a exemplo das inúmeras ações da História Pública no Brasil, tivemos o, “5º Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública, realizado de forma híbrida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – com a organização de Francisco Santiago Jr. e Fabiula Sevilha (Rovai; Correa; Souza, 2024, p. 252).

Rafael Dias de Castro, destaca a História Pública como um caminho oportuno para a democratização do conhecimento e a oportunidade de ampliarmos a percepção sobre os

distintos públicos que o produzem. Segundo o autor, a História Pública, em diálogo com a teoria, exige um “comportamento epistemológico-ético-político relacionado à democratização do saber histórico a partir da pluralidade e acolhimento de diferentes pessoas e suas narrativas, adotado pelo(a) profissional historiador(a) (Castro, 2024, p. 12).

Destaco ainda as observações do autor para lembrar que a História Pública não trata de ajustes ou meras adaptações de um modelo para outro. Ou, como já advertia Ricardo Santhiago (2018), como um “arremedo pragmático”. Com base nas observações do historiador, a História Pública requer aprimoramento teórico, metodológico e historiográfico, tal como outros campos da história. Contudo, exige, “em suas possibilidades de articulação para uma atuação profissional a partir de uma perspectiva ética, responsável e democrática, argumentando que o que se coloca em evidência questão fundamental ao trabalho do(a) historiador(a): sua função social (Castro, 2024, p. 11).

Ainda, com base nos apontamentos do autor, é importante destacar que,

Pensar as relações entre a teoria da história, a história pública e a função social do(a) historiador(a), é colocar no centro do debate a possibilidade de articulação de várias narrativas, identidades sociais, culturais e formas de se abordar o tempo, compreendidas como conteúdo da experiência, medida de orientação e definição de ação/finalidade, pensando os discursos semânticos de simbolização, as estratégias cognitivas da produção dos saberes históricos e temáticas que interessam na apresentação de uma história e de uma memória sobre, para, com e da sociedade (Castro, 2024, p. 12).

A partir desse entendimento, a História Pública possui características próprias que as diferem de outras formas de investigar, narrar e produzir conhecimento histórico, tendo em vista ainda a oportunidade de estreitar maiores aproximações com distintos públicos, principalmente para a articulação de distintos saberes produzidos por esses grupos. Como destaca Castro,

a história pública, enquanto uma área de discussão e uma prática, possui como centro norteador o desenvolvimento de uma epistemologia voltada para a relação historiadores-públicos (história para, com e sobre o público) ou o reconhecimento, por parte desses profissionais, que não necessariamente os saberes históricos, que circulam na sociedade, são fruto exclusivamente de seu trabalho metódico (o saber histórico pode vir “do público”). Esse entendimento coloca em primeiro plano, de maneira objetiva, que diferentes narrativas e saberes precisam ser colocados em evidência no debate sobre uma cultura histórica (Castro, 2024, p. 18).

Ou seja, a história pública possui uma diversificação de caminhos, em todos visa garantir a atenção ao público, sendo o conhecimento histórico produzido com, sobre ou para o público, entrelaça saberes acadêmicos e vindos do público, daqueles construídos de forma colaborativa, de ações museais de História Pública (Ragusa, 2024), das práticas televisivas

como História Pública (Martins; Amarante, 2024), dentre as mais variadas possibilidades abertas por um campo do qual não visa limitar diálogos. Como destaca Gerald Zahavi, a história pública é um campo sofisticado e diverso capaz de orientar museólogos, arquivistas, curadores, cineastas, documentaristas, criadores da web e uma variedade de profissionais. Dessa maneira, podemos definir que a história pública amplia o campo de atuação dos historiadores, os quais podem expandir suas audiências para além do ambiente acadêmico e das salas de aula no ensino básico (Zahavi, 2011).

É por essa razão que este trabalho se empenha em repensar e discutir acerca da história e do ofício do historiador frente as novas demandas da história, principalmente com o avanço da *internet* e das mídias digitais. O avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) alterou as formas de convívio em sociedade. Com isso, o campo historiográfico não estaria isento de também passar por essas transformações, inquietando historiadores e os fazendo repensar as suas práticas.

A HISTÓRIA, O HISTORIADOR E SEU OFÍCIO

A institucionalização da história enquanto disciplina universitária se deu em Berlim, no século XIX, com Leopold Von Hank e a inauguração de sua cátedra. Nesse processo, buscou-se e aproximar a história dentro de um cânone científico que estivesse aliada as demais ciências sociais a exemplo da sociologia e da antropologia. A partir de então, a história estaria baseada em um método crítico e científico e teria uma linguagem técnica própria, o que infelizmente acabou afastando o historiador do grande público não acadêmico (Lasso, 2016).

Diante disso, caberia agora a um responsável técnico escrever sobre história se baseando-se nas fontes disponíveis que possibilite a escrita da história. O ofício do historiador ao longo dos séculos foi mudando e se aproximando postulações elaboradas pelas escolas historiográficas, a exemplo da Escola dos Annales surgida no século XX, mas também pelas correntes teóricas escolhidas pelos historiadores que discutiam e apresentavam diferentes caminhos possíveis para que se construísse o conhecimento histórico.

Logo, os historiadores podem se orientar por distintas abordagens teórico-metodológicas que abre diferentes possibilidades de se escrever história junto dos mais variados problemas, temas e fontes que os orientam. Mas cabe uma reflexão: *A quem pertence a história e a produção do conhecimento histórico?* Por muito tempo, coube e ainda cabe às universidades e os grandes centros de formação de ensino superior a regência do que se deve ou não ser produzido e também publicizado e levado ao público, sendo essa posição legitimada tanto pela

visão elitista de que ali se produz conhecimento, quando das regras constituídas pela academia e pelo campo historiográfico, de escrita, narrativa e divulgação do conhecimento.

De acordo com Sara Albieri:

A única divulgação da pesquisa que a Academia aceita e encoraja é a publicação em periódicos e livros destinados à comunidade científica *stricto sensu*: os leitores são interlocutores especializados, ligados à vida acadêmica (Albieri, p. 25, 2011).

Nesse sentido, pode-se notar que o academicismo excessivo recai tanto sob a produção historiográfica, quanto na sua publicação e entrega para o público. Essa prática acaba por distanciar os intelectuais e as suas produções de uma sociedade que serve muitas vezes como objeto de estudo para historiadores. Diante disso, temos a resposta de que por muito tempo, infelizmente a elaboração do conhecimento histórico pertenceu apenas às grandes instituições acadêmicas, as quais produzem, mas também consomem os materiais dificultando a sociedade de consumir e problematizar essas produções.

É cabal ressaltar que aqui não se trata de culpabilizar e responsabilizar por inteiro a Academia. Sabe-se que para além de produzir conhecimento científico, os historiadores muitas vezes buscam publicizar estes materiais, a exemplo dos livros, em editoras que infelizmente acaba negando a publicação das obras¹. Essa questão se agrava quando se faz um recorte de raça e gênero, intelectuais negros, quando mulheres, por exemplo sentem mais dificuldade de publicar no mercado editorial, tendo que muitas vezes recorrer a coletivos ou mesmo criarem as suas próprias editoras para conseguirem publicar seus materiais².

Diante do exposto, podemos refletir sobre a ampliação de canais de divulgação do conhecimento histórico. A História Pública abre o leque de possibilidades por onde a produção e o conhecimento histórico pode se apresentar. Se antes tínhamos apenas periódicos e revistas estritamente acadêmicas, sem esquecer das editoras que ainda se empenham em publicar obras historiográficas, o mundo atual em seu contante e rápido desenvolvimento tecnológico digital exige de nós historiadores repensarmos as nossas práticas enquanto profissionais responsáveis pela consciência histórica.

HISTÓRIA E OS AVANÇOS DAS TECNOLOGIAS

O breve século XX, termo assinado pelo historiador Eric Hobsbawm (1994), foi de intensas transformações especialmente tecnológicas. Infelizmente, como marca deste “breve”

¹ De acordo com a Câmara Brasileira do Livro (CBL), no ano de 2023 no Brasil livros de Ciências Humanas, área na qual se enquadra a História, ocupam a décima posição no índice de publicação, foram 2.669.969 de exemplares vendidos, uma participação de 0,83% no mercado de vendas.

² Para saber mais, ver: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/escritores-negros-buscam-espaco-em-mercado-dominado-por-brancos/amp/>

século foram impressas na história páginas manchadas de sangue. Os novos recursos tecnológicos foram utilizados como recurso para o extermínio de grupos inteiros, produziram uma impactante destruição matando centenas de pessoas, especialmente no continente africano com o processo de descolonização. Uma tecnologia feita para matar, tal como nos adverte Achille Mbembe (2018).

Apesar desses traços sangrentos, os avanços tecnológicos permitiram imprimir na sociedade novas formas de se relacionar socialmente, especialmente na última década do século XX, com o surgimento da *Internet*, popularizada na década de 1990. Os laços sociais foram aproximados com o desenvolvimento de uma tecnologia que não importa mais as fronteiras, ela conseguirá unir um globo com simples cliques em computadores e *smartphones*.

O advento da *internet* não tardaria em impactar as relações sociais. A proliferação das mídias sociais resultou num fenômeno histórico e cultural desenvolvendo práticas no que se refere à circulação de ideias e informações. Enquanto um instrumento de comunicação a *internet* possui tanto implicações quanto potencialidades, e isso se reflete quando nos referimos a produção e disseminação do conhecimento histórico (Oliveira, 2020).

Enquanto ambiente digital, a *internet* também passou a oferecer novos formatos de leituras. Esse movimento é o que Roger Chartier chama de “textualidade eletrônica” o que implica em novos modos de se organizar e definir critérios de aceitação ou negação de argumentos, ou seja, tanto quem lê quanto quem pesquisa e divulga o conhecimento está submetido a novos processos de leitura e de aprendizagem (Chartier, 2009).

O impacto da *internet* na produção e divulgação do conhecimento histórico se dá na medida em que a *internet* passa a oferecer novos artifícios não apenas de pesquisa, mas também de publicação para os historiadores. Trata-se de uma relação que exige dos historiadores rigor técnico tendo em vista a quantidade de informações ofertados por este meio. Em palestra realizada no Brasil no ano de 2010 em Porto Alegre, o historiador Carlo Ginzburg afirma que diante da *internet*, a produção do conhecimento histórico corre o risco de tornar os conceitos de presente, passado e futuro frágeis³. Dessa forma, cabe ao historiador não abandonar o rigor técnico da pesquisa para que não se divulgue inconsistências.

Para a grande área da História, a *internet* se torna um novo ambiente de pesquisa, investigação e discussão, mas também de publicização do saber historiográfico. A *internet* amplia a possibilidade para o pesquisador encontrar fontes para sua pesquisa, mas também de tornar os resultados de sua investigação mais público, fazendo o uso das mídias digitais

³ <https://www.youtube.com/watch?v=CqxP9taRUvA>

manifestadas por meio de redes sociais tais como *Facebook*, *Instagram* ou até mesmo o *TIKTOK*. Logo, diante da ampliação da *internet* e, das transformações provocadas a partir do uso das redes sociais, por exemplo, a História Pública possui vantagem por estar imersa em um novo contexto que exige novas formas de se relacionar, das possibilidades de diálogo e de aproximação com o público. Contudo, cabe as advertências já anunciadas, de que a História Pública exige metodologia, ética e comprometimento para a democratização dos saberes e construção do conhecimento histórico.

Diante desse cenário, cabe discutir a relação entre *Internet* e História. Seriam estes campos aliados ou potenciais inimigos? A resposta parece simples. De acordo com o historiador Dilton Cândido Santos Maynard: “a verdadeira questão não é ser a favor ou contra a internet. O importante é compreender as suas mudanças qualitativas” (Maynard, 2001, p 42). Nas últimas décadas a *internet* presenciou o desenvolvimento constante das redes sociais, com o aparecimento de aplicativos como *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram* como por exemplo. Estas redes sociais, em especial o *Instagram* tem se tornado um espaço possível para atuação de historiadores.

No Brasil, na rede social *Instagram* temos perfis como por exemplo de: @historiaeimagens; @historianopaint; @historia_preta; @iconografiadahistoria; @comerhistoria e @amodistadedesterro, que tem se tornado uma espécie de mostruário virtual não somente para o campo da educação não formal, mas também para a prática historiadora no que se refere a produção de conhecimento científico historiográfico comprometido com a consciência histórica. O uso desta rede por parte desses profissionais é a prova cabal da ampla possibilidade de atuação do historiador e é também mais um desdobramento da História Pública que se manifesta de maneira diversa nas áreas de atuação.

Aliado ao pensamento de John B, Thompson em sua teoria social da mídia o avanço tecnológico criou novas formas de sociabilidade e de vida pública. Este processo resultou inclusive na reinvenção do conceito de esfera pública que ganha com o avanço da *Internet* e das mídias digitais um novo espaço de manifestação (Thompson, 1998). Desse modo, é possível estreitar os laços entre *Internet* e História ao ponto que a História Pública em sua gama de conceitos defende a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o público geral.

A vida virtual, além de proporcionar o estreitamento de lações sociais permite a criação de uma nova cultura. A Cibercultura, na qual a prática constante do uso dessas redes permite para além de se relacionar socialmente, trabalhar, trocar informações, comprar, vender, ler, escrever e fazer publicações com simples cliques no ciberespaço. O filósofo e sociólogo francês Pierre Levy define cibercultura como:

conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas e atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Levy, 1999. p. 17).

Nesse sentido, podemos aproximar o diálogo entre *Internet* e História Pública Digital, esta última como um desdobramento da já discutida História Pública. Cabe, neste texto elaborar uma reflexão do impacto do uso das ferramentas digitais na prática historiográfica. É importante ressaltar que não se trata apenas de um novo canal de transmissão do conhecimento, mas sim da possibilidade de promoção de uma educação formal e não formal comprometida com a consciência histórica, como a postulada por Rüsen que confere ao indivíduo a capacidade de se localizar no presente, olhar para o passado criticamente elaborar as suas noções de história (Rüsen, 2010).

Nesta perspectiva, compreendendo a história digital como o uso das tecnologias digitais para a prática historiográfica podemos entender a História Digital como um novo método que não só engloba os artifícios de divulgação do conhecimento histórico, mas também a maneira como o historiador conduz a sua pesquisa, fazendo o uso de tudo que os meios digitais podem proporcionar.⁴ O uso de ferramentas como o *Instagram*, por exemplo para a divulgação do conhecimento produzido faz o historiador repensar o seu método e criar uma forma narrativa que chame a atenção do telespectador. Para isso, será necessário que o historiador faça escolhas durante a sua pesquisa e montagem do material para a divulgação, tendo em vista o comprometimento com a verdade histórica.

A ambientação digital, e o uso do *Instagram* como ferramenta para a divulgação de conhecimento histórico é o ponto central desta pesquisa. Aqui analisaremos o papel do perfil **@oabiudo** como um exemplo de História Pública e História Pública Digital e refletiremos como o referido perfil está comprometido não somente em transmitir o conhecimento historiográfico acadêmico ao público, mas também o seu comprometimento na formação de consciência histórica, principalmente sobre história de Sergipe no público que acompanha o perfil.

INSTAGRAM

O aplicativo *Instagram* é uma rede social, lançada em 2010 e se enquadra na categoria de foto e vídeo nas plataformas de *download* nas quais o aplicativo está disponível. Ao redor do mundo, esta rede social possui mais de 2 bilhões de usuários e no Brasil os números

⁴ LUCCHESI, Anita, **For a new hermeneutics of practice in digital public history: tinkering with memorecord.uni.lu**, Université du Luxembourg, Esch-sur-Alzette, 2020, p. 21.

ultrapassam a casa dos 1 milhão de internautas ficando atrás apenas dos Estados Unidos⁵. Na atualidade, o *Instagram* é a segunda rede social mais utilizada entre os brasileiros, sendo ultrapassada apenas pelo *Whatsapp*. Esse movimento é um desdobramento do uso do celular que possibilita ao seu proprietário acesso rápido a informações e contatos e de maneira muito fácil, pois é um objeto que está na maioria das vezes ao alcance de nossas mãos.

A ferramenta foi criada poucos anos depois da criação do *Facebook*, também uma ferramenta de fotos e que possibilita contato por meio de mensagens entre os usuários. No ano de 2012, a META, empresa fundadora do *Facebook*, adquiriu o *Instagram* pelo valor aproximado de 1 bilhão de dólares. Desde lá, a ferramenta possibilita o compartilhamento de dados entre essas duas aplicações, mas não obriga o usuário a linkar as informações.

O perfil dos usuários são os mais variados. O *Instagram* possui um público muito vasto, mas é entre os jovens que a rede social tem mais notoriedade, isso se deve ao fato de o público mais jovem possuir uma relação mais aproximada com as tecnologias digitais. O uso da ferramenta sem dúvidas já faz parte do cotidiano da vida dos brasileiros, em pesquisa realizada no ano de 2023, 83% do público entre 16 e 29 anos afirma que deixam o aplicativo aberto na maior parte do dia, na faixa dos 30 a 49 anos, este número cai para 78% e referente ao público com mais de 50 anos, apenas 70% afirmam usar a ferramenta na maior parte do dia. Em sua tese de doutorado, o historiador Ian Kisil Marino afirma:

...a popularização da plataforma alavancou a consolidação de uma cultura visual no universo das redes sociais em escala inédita (muito além do que plataformas como o Tumblr e o Flickr, por exemplo, fizeram na década anterior) (Marino, 2024, p. 175).

Enquanto aplicativo, o *Instagram* possibilita ao usuário que utilize a ferramenta partindo de 3 categorias: Pessoal, comercial ou criador. Desse modo, podemos perceber que o aplicativo oferece a quem o utiliza uma gama de possibilidades de como utilizar, se quer apenas para publicar fotos, vender seus produtos ou até mesmo criar conteúdo dos mais variados possíveis. Inicialmente, as contas começam como pessoal e o usuário pode, dentro do próprio aplicativo alterar para o nicho o qual quer seguir.

O aplicativo disponibiliza ferramentas de foto, vídeo, mensagem, e compartilhamento de conteúdo. Estas aplicações podem ser utilizadas pelo usuário a qualquer momento do dia. Para acompanhar o conteúdo de alguém basta encontrar o “@” da pessoa e clicar em seguir, caso a conta seja pública, haverá um compartilhamento de informações instantaneamente de

⁵ As informações referentes ao número de usuário foram retiradas do site: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/amp/>

acordo com o conteúdo publicado. Desse modo, o aplicativo cria um método de relacionamento próprio entre o seu público⁶.

O *Instagram*, se tornou nos últimos anos um fenômeno cultural capaz de moldar formas de produção de imagens e de sociabilidades, possuindo vocabulário específico, esse fenômeno se deve ao fato do acúmulo de funções que estão ligadas a produção, edição e difusão de fotografias. A popularização desta ferramenta passou a cultivar uma cultura visual específica, inaugurando novos padrões estéticos na representação fotográfica (Leaver; Manovich; Borges-Rey *apud* Marino, 2024, p. 175).

Posto isso, nesta pesquisa nos debruçaremos sobre o perfil **@oabiudo** e entenderemos melhor as possibilidades que esta rede social oferece a seus consumidores. Enquanto perfil voltado para a criação de conteúdo histórico, farei uma análise da ferramenta e o seu uso para a prática historiadora e de como é possível criar uma relação com o público, atraindo-os, mesmo que pela curiosidade a adquirir conhecimento por uma ferramenta que não nasceu com um objetivo estritamente educativo, mas que nos oferta essa possibilidade.

O ABIÚDO: UM CANAL DE HISTÓRIA SERGIPANA

BORA ABIUDAR?

Recorro aqui, ao método elaborado pela linguista e escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946), popularmente conhecida apenas como Conceição Evaristo. A *escrevivência*, que faz um jogo entre as palavras escrita e vivência pois se trata de um projeto muito pessoal, mas construído coletivamente e que possui relevância social. Na busca de narrar sobre o objeto desta pesquisa, explico sobre o que se trata “O Abiúdo”.

Enquanto criança, lembro-me muito bem de ser muito curioso e um apaixonado por história e de alguma forma pela arte da comunicação. Ficava fascinado ao ver documentários e programas de *TV*, a exemplo do *Globo Repórter* quando a equipe de televisão visitava países ou até mesmo cidades brasileiras e ali contavam de maneira muito didática a história desses locais, suas culturas, culinária, entre outras características que marcavam a população local.

Esse fascínio me levou a anos mais tarde chegar à universidade pública, o primeiro da família a alcançar esse posto. Um jovem negro, morador da periferia da capital sergipana e gay, isso por si já é um ato de resistência. Ingressei na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2020 por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sendo aprovado no curso de licenciatura plena em História e assim como meus colegas e o restante do mundo fui

⁶ Leaver; Highfield; Abidin, **Instagram**.

surpreendido com a pandemia de COVID-19. Mas mesmo assim não desisti, a paixão pela História me movia e comecei o curso de maneira remota com aulas via *Google Meet*, um desafio tanto para discentes quanto para os docentes, mas que também só foi possível dado o aperfeiçoamento acadêmico para o mundo digital e suas potencialidades ao ensino.

Afrouxadas as regras da pandemia, voltei com meus colegas de maneira híbrida para as salas na universidade, com aulas *online* e outras presenciais. No decorrer do curso fui me aproximando das temáticas históricas, confesso que algumas não me apeteciam, a exemplo da História Econômica enquanto outras me deixava concentrado, aqui cito as disciplinas de História de Sergipe, História da África e História da Cultura Afro-Brasileira. Mas algo me deixava muito inquieto, o que essas disciplinas tinham em comum eram os textos, muitas vezes enfadonhos e de difícil compreensão.

Ressalto que apesar dessas dificuldades, reconheço a importância dessas leituras, foram elas que me formaram e me fizeram manter sempre o Lucas curioso e inquieto com aquela forma de aprender, de conhecer e de transmitir História. Foi essa inquietude que me levou ao perfil “O Abiúdo”, movido pela grande questão: *Porque não tornar o processo de divulgar, entender e aprender história de forma mais didática?* Começou a rondar os meus desejos a ideia de criar um perfil na *internet* no qual eu pudesse realizar esse desejo. Mas foi preciso um impulso⁷.

Diante disso, foi neste momento da minha vida já no meio do curso que meu ex-professor de sociologia retorna ao meu cotidiano. Nesta época, eu estava como estagiário do Centro de Excelência Atheneu Sergipense (CEAS), escola na qual estudei durante o meu ensino médio e a qual sou grato eternamente pela formação que me foi proporcionada. Nos corredores do Atheneu o professor Yuri Norberto me abordava e incitava a criação do tal canal no qual eu pudesse colocar em execução o que eu aprendia durante a graduação e que servisse de recurso pedagógico tanto para alunos da rede básica quanto para a sociedade como um todo.

Foi literalmente da noite para o dia, depois de ser pressionado por Yuri que resolvi utilizar o *Instagram* para criar o perfil “O Abiúdo”. Inicialmente a minha ideia era trazer temas gerais da História do mundo, mas no processo de criação do perfil comecei a enxergar a possibilidade de trabalhar com temas sergipanos. O nome Abiúdo é uma derivação da palavra abelhudo, que no Brasil e especialmente no nordeste brasileiro significa pessoa curiosa, astuta, ativa, atrevida. É justamente nessa linha que eu, enquanto professor e historiador em formação

⁷ Canais do Youtube como Débora Aladim, Nostalgia, Vogalizando a História, me ajudaram a pensar um formato de conteúdo para o *Instagram*.

trabalho no perfil há mais de dois anos trazendo temas que permeiam a história e o povo de Sergipe.

A página foi inaugurada em 15 de junho de 2022, o vídeo sobre o Cacique Serigy, marca a criação do perfil e iniciativa pela divulgação da história. Serigy foi um importante personagem que atuou durante a colonização nas terras de Sergipe, resistindo contra a invasão portuguesa entre os anos de 1575 e 1590, ano no qual os portugueses, liderados por Cristóvão de Barros, fundaram a Cidade Mãe de Sergipe, processo que custou a vida de milhares de povos indígenas que viviam na costa sergipana (Freire, 2013).

Novos trabalhos foram realizados com distintos temas e abordagens, em todos, foi mantido o objetivo em transmitir e construir conhecimento a partir das aulas, das leituras e das minhas pesquisas, tendo em vista a possibilidade e interesse em tornar o conhecimento histórico mais popular por meio de distintas linguagens, sem perder sua credibilidade. Ou seja, ampliar o público para além da academia. Assim, tal iniciativa permite que a discussão e construção do conhecimento seja promovida ao público de maneira lúdica, didática abrindo espaço para outras formas de compreensão. Para isso, para a produção do roteiro dos vídeos deve ser orientada a partir de uma linguagem que faça sentido aos distintos públicos, sem perder a crítica e reflexão ao assunto tratado. Assim, com uma linguagem que permita dialogar com públicos que não dominam noções/conceitos/epistemologias teóricas, estabeleço a aproximação com diferentes públicos das mais variadas localidades, gênero, idade, grau de instrução, dentre outros.

O lema “Bora abiudar?” se tornou um chamado para os seguidores e principalmente para aqueles que ainda não seguem o perfil, mas nos quais o conteúdo acaba chegando, graças ao algoritmo que faz o conteúdo circular. No perfil, é empreendido um exercício de aprendizagem histórica, do qual ainda insiste no rigor técnico da pesquisa histórica, mas com tentativas de promover a transmissão e construção do conhecimento por meio de um conteúdo digital transfigurado em outra linguagem historiográfica, que extrapola o ambiente universitário e acadêmico.

Com cerca de 2.400 seguidores⁸, o perfil apresenta temas da história, cultura e política sergipana no qual é empreendido um serviço de História Pública Digital. São temas que tratam de como o estado de Sergipe se tornou o que é hoje, de quais culturas permeiam o cotidiano da vida sergipana, como por exemplo da construção das culturas populares do estado formadas a partir das influências africanas e as curiosidades que ajudam a constituir a nossa identidade enquanto povo. Ou seja, a atenção das produções visa de forma atenta dialogar com outras

⁸ Em anexo imagens das estatísticas do perfil, com número exato de seguidores, localização, faixa etária e gênero (homens ou mulheres).

formas de produzir conhecimento, da valorização de diferentes grupos e identidades e, na garantia da construção do conhecimento histórico, a democratização desses saberes.

O que norteia “O Abiúdo” é produzir consciência histórica e, junto disso, observar o público que acompanha o perfil e quais vídeos são os mais acessados. Nesta pesquisa, me debruço sobre a série “*Bairros de Aju*” na qual abordo em 6 episódios como surgiu alguns bairros da cidade de Aracaju. Busco por meio desta observação, destacar como o diálogo entre história, *internet* e rede social colabora para a prática historiadora e se relaciona melhor com o seu público, produzindo consciência história e noção de identidade em quem assiste.

A SÉRIE “BAIRROS DE AJU”

Capital de Sergipe desde 1855, Aracaju é uma cidade que nasceu com o objetivo de ser planejada, tendo suas ruas muito bem divididas na região central, o que se assemelha a um tabuleiro de xadrez, apelido que ficou marcado no imaginário dos moradores da cidade. A planta da cidade foi planejada pelo capitão de engenheiros Sebastião Basílio Pirro e por isso o quadrilátero que fica localizado no centro histórico de Aracaju é apelidado também de “Quadrado de Pirro” (Cardoso, 2023).

Contudo, esta pesquisa ambienta-se na cidade do Aracaju e aqui faremos um estudo acerca do processo de urbanização da cidade, da forma como alguns bairros se constituíram e também como a população dessas localidades se entende no espaço no qual vivem. A série “*Bairros de Aju*” é um projeto de produção de conteúdo em formato de vídeo, publicado no perfil [@oabiudo](#), de criação do autor que aqui vos escreve e é o canal pelo qual esta pesquisa se desenvolve.

O título da série “*Bairros de Aju*” foi escolhido com o objetivo de atrair a curiosidade dos telespectadores do perfil do *Instagram* e fazer com que estes se interessassem a tomar conhecimento sobre a origem de algumas localidades da capital Aracaju, que no nome da série é apelidada de “Aju”, forma carinhosa pela qual é denominada pelos, moradores da cidade. Até o momento desta análise, a série possui 6 episódios, lançados ao longo do ano de 2024.

Os vídeos possuem cerca de 3 minutos e podem variar de 2:30 min e 3:00, esta é uma escolha feita a fim de garantir a visualização, tendo em vista que vídeos mais curtos possibilitam que assistam até o final. Durante a roteirização, elabora-se uma forma narrativa mais fluida, sem muitas palavras rebuscadas evitando a linguagem acadêmica, devido a diversidade de público que o conteúdo alcança, dado o interesse que o material extrapole os muros da universidade. Contudo, destaca-se que o material estreita laços com acadêmicos. É a forma encontrada para divulgar conhecimento histórico para todos, de maneira democrática.

A produção de conteúdo é baseada em pesquisa prévia sobre o assunto que pretende ser publicado. Enquanto pesquisador, manter o rigor técnico da pesquisa histórica, fundamentando a pesquisa em fontes e em referências bibliográficas são fundamentais. Ao decorrer do vídeo, são criados momentos de dialogar com fontes históricas, servindo, em sua maioria para o público não especializado um primeiro entendimento sobre fonte histórica. No vídeo servem como recursos imagéticos trazendo fotografias dos locais ou documentos de época, sempre referenciando-os na legenda para que quem esteja assistindo. Logo, o expectador compreende que aquele conteúdo publicado é feito com responsabilidade e rigor técnico da pesquisa histórica, assim como de que a pesquisa histórica é feita por meio da investigação e análise de fontes.

A série, até o momento possui 6 episódios tratando sobre a origem de 6 bairros da capital sergipana, são eles: Bairro Industrial, Bairro América, Bairro 18 do Forte, Bairro Santos Dumont, Bairro Siqueira Campos e Bairro Soledade. A escolha desses locais se deu pelo fato de que estes bairros serem considerados como periféricos na cidade de Aracaju, localizados entre a Zona Norte e Zona Oeste. A fim de entendermos o processo de urbanização e desenvolvimento da cidade nos debruçaremos apenas sobre o vídeo no qual trato sobre a origem do bairro América. Ao todo, a série possui aproximadamente 55 mil visualizações⁹, número que revela o interesse dos seguidores em entenderem o espaço no qual vivem.

O vídeo sobre a constituição do espaço do Bairro América – bairro localizado na Zona Oeste da cidade – foi publicado no dia 08/05/2024, possui 20 mil visualizações, 840 curtidas, 166 comentários, 500 compartilhamentos e 51 salvamentos (até o momento desta pesquisa)¹⁰. Em diálogo com a produção historiográfica, durante a pesquisa, foi encontrado uma tese de doutorado defendida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no ano de 2019 pela Doutora em História Mariana Emanuelle Barreto de Gois, a qual analisa as experiências carcerárias de indivíduos na comunidade prisional da Penitenciária Modelo de Aracaju e de como esta instituição colaborou diretamente para o surgimento de uma comunidade aos seus arredores. Outro trabalho também sobre a temática foi intitulado de “Entre altos e Bairros: fontes para a história do bairro América (1915-2005) de Valéria Maria Santana Oliveira.¹¹

⁹ Os dados mencionados estão ilustrados nos ANEXOS deste trabalho.

¹⁰ Imagem com *insights* do *reels* no anexo.

¹¹ Tese de Doutorado: “Nas muralhas sombrias”: experiências carcerárias na Penitenciária Modelo, Aracaju/SE (1926-1955) <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/10059>
Monografia: “Entre altos e baixos: fontes para história do Bairro América (1915-2005) <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/135097/referencia>

Estes trabalhos são de suma importância para entendermos a formação do bairro, que se deu de maneira muito problemática, como poder ser visto no trabalho de Mariana Gois. A Penitenciária Modelo, transferida para o Bairro América no ano de 1926, durante a gestão do então presidente de província Graccho Cardoso, é uma das responsáveis pela constituição e desenvolvimento do bairro. Desse modo, pode-se perceber que a origem do local é fruto da presença de uma unidade prisional.

A Penitenciária Modelo, antes ficava localizada na região central da cidade, em um prédio hoje conhecido como Palácio Serigy, em frente à praça General Valadão. As razões para esta transferência podem ser explicadas pelos ideais republicanos do início do século XX, que visavam higienização social e excluir as camadas mais pobres consideradas inferiores, um fim agradável para as elites que circulavam a região central da cidade na época, a prisão perderia foco sendo transferida para uma área mais distante (Cardoso, 2012).

Desse modo, partindo da ideia de cidade planejada pela qual Aracaju foi projetada, cabe a nós uma problematização: *A cidade foi planejada para quem?* Ao percebermos a transferência da Cadeia Pública da região central para uma área rural, percebemos que esse planejamento tem um público muito específico e não é o das camadas mais pobres. Essa prática se enquadra no que podemos chamar de higienismo, quando se busca de modo planejado reconfigurar os espaços urbanos, de modo que ele atenda as demandas impostas pelas elites sociais, políticas e econômicas. Podemos entender o higienismo como:

A aplicação de métodos higiênicos, que responde à preocupação crescentemente científica de levar em conta a complexidade dos sistemas urbanos, dará corpo a uma ideologia higienista que evoluirá em sintonia com o desenvolvimento das cidades, assumindo características específicas e inerentes às exigências do momento histórico. Dito de outro modo, o higienismo irá permear todas as correntes e modelos vindouros do urbanismo e do planejamento urbano, transformando-se ele mesmo em uma expressão de biopolítica (Farias Filho, p. 2, 2022).

Nesta perspectiva, podemos pensar na questão do direito a cidade. Com a transferência da Cadeia Pública para a localidade onde hoje está o Bairro América em outubro de 1926, passou a formar aos arredores da instituição uma pequena comunidade, constituída inicialmente por parentes dos prisioneiros, esse movimento deu logro ao objetivo principal de mudar a unidade prisional de lugar, colocar a população mais pobre nas margens do espaço urbano, longe do centro, local onde pulsa a economia e a vida social da cidade. Assim sendo o direito de desfrutar das áreas principais da cidade estava nas mãos daqueles que possuíam influência social, política e econômica.

Essa é a história narrada ao longo ao de 3 minutos de vídeo no meu perfil do *Instagram* e o qual problematizo de maneira mais ampla neste trabalho. Outro ponto, a título de

curiosidade também é destacado, a origem do nome do bairro, que se chama América devido ao proprietário do sítio que possuía o mesmo nome. Quando vendidas para a prefeitura da cidade, as terras foram transformadas em bairro e as suas ruas ganharam nome de países do continente americano, a exemplo de Honduras, Cuba, México, Colômbia dentre outros.

Diante do exposto, partindo das leituras e pesquisas sobre a origem do bairro buscou-se transformar todo este conhecimento em roteiro para vídeo. Este exercício de roteirizar e produzir um material de conteúdo histórico se enquadra no campo de estudos explorados no início deste trabalho, a História Pública e a História Pública Digital. O rigor técnico de pesquisa foi mantido sempre revelando as fontes e referenciando os trabalhos que já tratam sobre o assunto, logo, por meio das produções audiovisuais não significa que entregue ao mundo uma nova história do bairro e da cidade na qual ele está localizado. Assim como na academia, enquanto o ofício do historiador, está sendo apresentado novos métodos de divulgação da pesquisa histórica. Assim, por meio do perfil no *Instagram*, são construídas novas redes de aproximação entre pesquisador e o público em geral do qual, para além da ampliação das audiências, permite que distintos sujeitos possam desenvolver o entendimento enquanto cidadão, como habitante deste espaço e também como agente de transformação.

“AH, ENTÃO É POR ISSO QUE SE CHAMA AMÉRICA?”

O título deste tópico é uma referência a frase que mais ouvi após publicar o vídeo, tanto de amigos pessoais, quanto de pessoas aleatórias que encontrei na rua, as quais disseram ter assistido o vídeo e também a partir da leitura dos comentários da publicação. Apesar de parecer um comportamento simples, quero fazer entender neste trabalho que esse tipo de recepção após a divulgação de um conteúdo histórico no formato analisado é a prova de que uma boa e acessível narrativa atrai não somente os que já possuem curiosidade em aprender história, mas também aqueles que por algum acaso acabou tendo acesso ao vídeo e se mantiveram assistindo-o até o final.

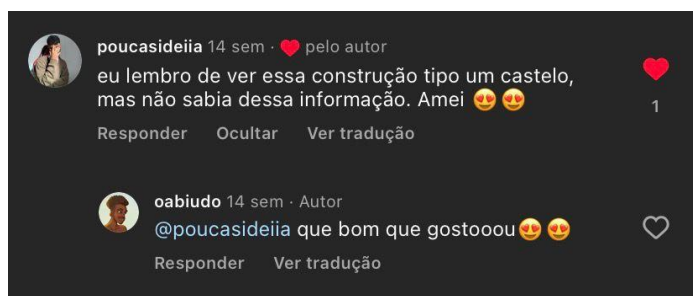
Lançando mão da netnografia¹², metodologia pela qual se busca analisar o comportamento humano de grupos sociais na *internet*, busco neste tópico entender como o vídeo sobre a origem do Bairro América gerou em quem o assistiu, consciência histórica. Entender-se no espaço onde vive e saber localizar-se historicamente é um exercício de suma importância, não somente para historiadores, mas também para o público geral. Por

¹² “Pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar a compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal.” KOZINETTS, Robert V. p. 61-62, 2014.

consequente, analisaremos o impacto que o conteúdo geral nas milhares de pessoas que o assistiram, para isso, selecionarei os comentários que dialogam e reforçam as contribuições desta pesquisa.

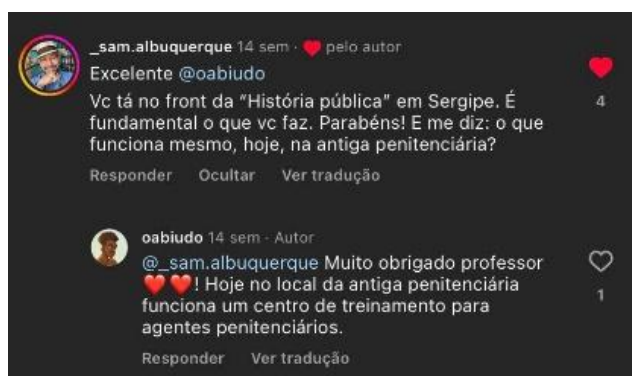
As imagens a seguir representam alguns dos “*prints*” referente a dos 5 comentários selecionados que refletem o imaginário de quem assistiu e construir conhecimento junto do material audiovisual:

Figura 1 – comentário virtual



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 – comentário virtual



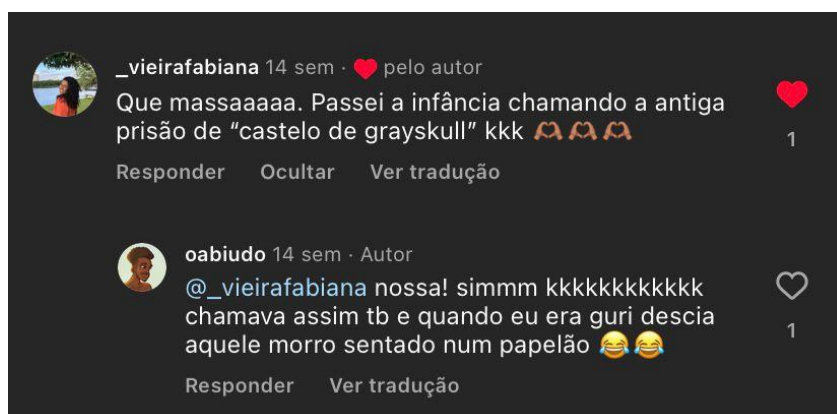
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 – comentário virtual



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 – comentário virtual



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 – comentário virtual



Fonte: Acervo pessoal.

Ao analisar os cinco comentários, percebe-se que o ambiente no qual vivemos habita o nosso imaginário. O comentário número 1 por exemplo, do seguidor Caio, o qual diz “*eu lembro de ver essa construção tipo um castelo, mas não sabia dessa informação. Amei*” refere-se a lembrança que ele tem de ver o edifício da antiga Penitenciária Modelo, mas o próprio, não sabia da história por trás daquele prédio, que colaborou diretamente para a formação e desenvolvimento do bairro América. Esse comportamento é muito comum, muitas vezes não conhecemos a história por trás do local onde vivemos ou mesmo dos espaços que fazem parte do nosso cotidiano e imaginário.

Ao publicar este vídeo e fazer circular o conhecimento histórico que ele possui, é empreendido um exercício de educação não formal e a um novo método de aprender História, aproximando o leitor/telespectador do conteúdo que deseja ser transmitido. Seguindo um modelo não convencional de aprendizagem histórica, o conteúdo chega para o público de modo que seja “menos trabalhoso” aprender, o fato de possuir um *smartphone* com acesso a *internet* possibilita este novo método de aprendizagem e faz com que seus proprietários, utilizem estas ferramentas de maneira mais proveitosa, gerando conhecimento para os cidadãos.

O comentário de Caio casa perfeitamente com o comentário número cinco, a seguidora afirma ter nascido e se criado na região e não sabia da história “escondida” por trás da antiga Penitenciária Modelo. Ao receber este tipo de conteúdo, quem o assiste recebe informações valiosas da própria história. O formato com que é publicado, o conhecimento histórico chega a um público vasto e não estritamente acadêmico, produzindo uma maneira democrática de divulgação do conhecimento histórico, utilizando uma metodologia ofertada pela História Pública, como afirma o seguidor do comentário número dois, quando diz que o perfil está no “*front*” da História Pública em Sergipe. Dessa maneira, podemos compreender que o perfil **@oabiudo** possui relevância social, ao passo que privilegia novas formas de aprendizagem e divulgação do conhecimento científico, angariando um público diverso.

A aprendizagem histórica é um processo complexo que envolve mais do que a simples memorização de fatos/eventos históricos. Analisando os comentários dos seguidores, aqui representados pelos 5 selecionados, percebe-se que a consciência histórica enfatiza também a capacidade que o indivíduo possui de situar o passado dentro de uma narrativa que dê sentido ao presente. É este processo pelo qual os seguidores que assistiram o vídeo passaram, ao notarem a presença da Antiga Penitenciária no Bairro América, agora eles entenderão qual o papel daquela instituição dentro do espaço na qual está inserida e como esta influenciou a formação do bairro e quais são os elementos sociais que ela abarca.

Nesse sentido, é possível pensar nos impactos que a penitenciária causou na formação do bairro. Por ser considerado um bairro de periferia, o Bairro América carrega a marca de ser um local associado a violência e pouca segurança. Pensando historicamente, esse estigma que o bairro carrega pode estar associado diretamente a presença da antiga penitenciária e de como o bairro foi desenvolvido a partir desta quando era uma instituição ativa. O ponto positivo é de que ao assistir, o seguidor, sendo morador ou não da localidade consegue identificar as motivações por trás de alguns discursos como por exemplo, o de que o bairro América é um local não seguro.

Contudo, é importante ressaltar que para que haja formulação e assimilação de consciência histórica é necessário seguir alguns passos. Em primeiro lugar, uma boa narrativa, esta é um conceito chave, pois a narrativa sobre um passado molda a maneira como nos entendemos e como entendemos a nossa identidade nos espaços que habitamos. Neste campo da narrativa, entra também a metodologia usada para divulgação do conhecimento, neste caso utiliza-se uma ferramenta *online*, o *Instagram*, é saber utilizar os melhores artifícios para que o processo de ensino-aprendizagem, mesmo que de maneira informal obtenha êxito.

Um outro conceito importante que surge como resultado desse processo de aprendizagem ofertada pelo perfil “O Abiúdo” é a formação de uma noção de identidade. Ao reconhecer o espaço sobre o qual o vídeo discorre e identificar que ele faz parte da vida cotidiana é um processo de formulação de identidade, senso de pertencimento a determinado espaço/comunidade. Compartilho, então do conceito de identidade postulado por Stuart Hall, no qual ele entende que a noção de identidade é dinâmica e construída através de processos culturais e sociais. Dessa maneira, a interação entre o indivíduo e seu contexto urbano e social permite que este indivíduo construa sua própria noção de identidade e encontre maneiras de se sentir pertencente a determinado espaço, podendo, inclusive reivindicar estes espaços para si em busca de transformações.

A partir desses comentários selecionados, conseguimos compreender a capacidade de um conteúdo que circula digitalmente alcançar variados públicos, das mais diversas idades e meios sociais. O formato pelo qual é disponibilizado, via *Instagram*, permite que o material ocupe um espaço de inovação nos métodos de ensino e aprendizagem e principalmente de ocupar o ambiente digital em uma época em que as notícias falsas circulam com mais força e atinge o grande público. Então, propor este tipo de conteúdo torna-se cada vez mais necessário à medida que temos boa parte da população conectada, ocupando novos espaços de produção e de divulgação científica, rompendo as barreiras que muitas vezes a academia acaba gerando.

CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa, intitulada “*O Abiúdo e História Pública: novos paradigmas para produção e divulgação histórica*” possuiu como objetivo contribuir para o campo de estudos da História Pública e História Pública Digital tendo em vista a sua vasta possibilidade e ampliação da elaboração do conhecimento histórico e de sua divulgação para além da comunidade stricto sensu. Para além disso contribuiu com a finalidade de tornar o processo de ensino-aprendizagem de História mais didático e de alcance e entendimento de grandes públicos, reivindicando um espaço de produção científica que vá além da academia.

Este trabalho revela que é possível produzir história e gerar consciência histórica no público utilizando-se de novos formatos que ultrapassam o uso da escrita acadêmica como único meio de possibilidade de divulgação do conhecimento histórico produzido. Neste caso, provou-se que o *Instagram* pode ser um meio não de divulgação de conhecimento científico, mas também de produção de conhecimento de cunho histórico. O perfil “O Abiúdo” contribui diretamente para os campos da História Pública e História Pública Digital que cada vez mais se tornam popular.

Para além da contribuição de tornar mais didático, os processos de ensino-aprendizagem, esta pesquisa revelou que é possível também, retirar do ambiente estritamente acadêmico a responsabilidade de produzir e divulgar conhecimento histórico e científico. É importante ressaltar que não se trata de negar o que se é produzido e divulgado pelas universidades e centros acadêmicos, mas sim de ampliar o campo de produção e divulgação, com o objetivo de alcançar públicos externos a esses ambientes e com narrativas mais acessíveis, como foi visto durante a análise do vídeo sobre a formação do bairro América na cidade de Aracaju.

Este estudo não pretende esgotar as análises do papel do *Instagram* e de outras mídias sociais na sua contribuição para a produção de conhecimento científico e histórico. Neste trabalho, vale lembrar, analisou-se apenas o desempenho do perfil “O Abiúdo” na missão de ocupar novos espaços no processo do fazer historiográfico com possibilidades narrativas diferentes das utilizadas até então, a exemplo da escrita acadêmica. Nesse sentido, o presente texto chama novos estudiosos e pesquisadores a aprofundarem o tema problematizando com outras fontes sendo possível concordâncias e discordâncias. Que busquem estudar possibilidade para a construção de novas formas de História Pública, do diálogo com distintos públicos para a construção do conhecimento histórico colaborativo e, do desenvolvimento de práticas educacionais que visam o ensino de história por meio (junto) da história pública.

ANEXOS

Figura 1 - Número de seguidores



Figura 2 - Faixa etária dos seguidores



Figura 3 - Gênero (homens e mulheres)

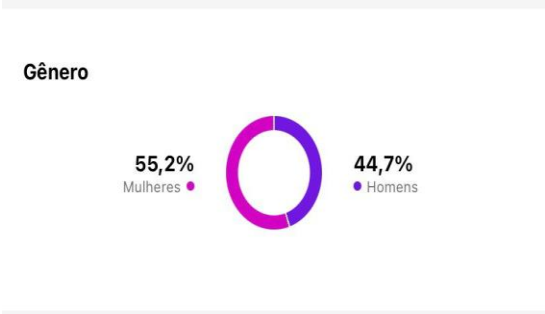


Figura 4 - Localização (Países)



Figura 5 - Localização (cidades)



Figura 6 - Insights do reels



FONTES:

Perfil no Instagram: @OABIUDO

REFERÊNCIAS

Sites:

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia comentada). In: *Café História* – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/> [Acesso em 31/07/2024].

GONÇALVES, Beatriz. *Pesquisa Instagram no Brasil: dados que revelam as preferências dos usuários na rede social*. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/amp/> Publicada em 23 de janeiro de 2024 [Acesso em 14/08/2024].

Bibliografia:

ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica. ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). In: *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

CARDOSO, Amâncio. O quinto dos infernos: presídios em Sergipe no século XIX. MENEZES, Joelina Souza (org.). In: *Segurança pública: gestão, formação e valores*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 192.

CARDOSO, Amâncio. Povoado Santo Antônio do Aracaju: notas para sua História. In: *Sergipe Cultura e Turismo*, cap. 1, p. 13-21. Aracaju: ArtNer, 2023.

CASTRO, Rafael Dias de. Teoria da história, história pública e a função social do(a) historiador(a). *Boletim do Tempo Presente*, n. 13, v. 4, p. 09-33, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22377>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Fundamentos teórico-práticos do pragmatismo estadunidense em História Pública: o texto *As Raízes Pragmáticas da Educação Histórica nos Estados Unidos*, da historiadora estadunidense Rebecca Conard. *Boletim do Tempo Presente*, n. 13, v. 4, p. 192-219, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22383>. Acesso em: 12 mar. 2025.

FARIAS FILHO, J. A.; ALVIM, A. T. B. Higienismo e forma urbana: uma biopolítica do território em evolução. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 14, e20220050, 2022. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.014.e20220050>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *História de Sergipe (1575-1855)*. 3. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Comunicação e Cultura*, n. 1, 2006, p. 21-35.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 245-264.

KELLEY, Robert. Public History; its origins, nature and prospects. *The Public Historian*, v. 1, n. 1, p. 16-28, 1978.

KOZINETTS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raul Reanuro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LASSO, Marixa. ¿Por qué y para quién escribimos? Presentación para la mesa redonda: ¿Qué Implicó ser Historiador en el Pasado? In: *APORTES AL PENSAMIENTO HISTÓRICO* (Workshop). In Memoriam: Jaime Jamarilo Uribe. Universidad Nacional da Colombia, 28-29 abr. 2016, Bogotá. Publicado em: *El Espectador*, Bogotá, 30 maio 2016. Disponível em: <http://www.elspectador.com/noticias/cultura/y-quien-escribimos-los-historiadores-articulo-635072>. Acesso em: 01 ago. 2024.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS).

LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: *XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Conhecimento Histórico e diálogo social*, Natal/RN, 2014.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? Os públicos e seus passados. ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). In: *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

MARINO, Ian Kisil. *Arquivando a pandemia: Transformação digital e luta pela memória na América Latina*. Campinas, SP: [s. n.], 2024.

MARTINS, Milena; AMARANTE, Welligton. Televisão e História Pública: representações da escravidão na telenovela Novo Mundo (2017). *Boletim do Tempo Presente*, n. 13, v. 4, p. 71-104, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22379>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MAYNARD, Andreza. Postar, Curtir e Aprender: o uso do Instagram no Ensino de História. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão – SE, v. 11, n. 02, p. 36-49, jul./dez. 2020.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos Sobre História e Internet*. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPITEC/MULTIFOCO, 2011.

MONINA, Giancarlo. Storia digitale: il dibattito storiografico in Italia. *Memoria e Ricerca*, n. 43, p. 185-202, magg./ag. 2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23-53, mai./ago. 2014.

RAGUSA, Helena. História Pública, História Digital e o “dever de lembrar” o Museu do Holocausto de Curitiba em foco. *Boletim do Tempo Presente*, n. 13, v. 4, p. 105-133, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22380>. Acesso em: 12 mar. 2025.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; CORREA, Ricardo Santhiago; SOUZA, Fabíula Sevilha de. História pública e experimentações participativas uma conversa com Juniele Rabêlo de Almeida. *Boletim do Tempo Presente*, n. 13, v. 4, p. 246-277, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22385>. Acesso em: 12 mar. 2025.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XIX. ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). In: *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.